

AFROTURISMO EM JAÚ



SECRETARIA DE IGUALDADE RACIAL

ROTAS NEGRAS



Prefeitura Municipal
JAHU
Cuidando do nosso povo

Secretaria de
Igualdade Racial

Afroturismo em Jaú

ROTAS NEGRAS

Dedicatória

À toda comunidade negra do município de Jaú, cuja história, resistência e ancestralidade moldam profundamente a identidade da nossa cidade. Este livreto, Rotas Negras, é dedicado a vocês — guardiões de memórias, tradições e contribuições que enriquecem cada canto do nosso território. Que os atrativos turísticos aqui apresentados sirvam não apenas como pontos de visita, mas como marcos vivos da presença negra em Jaú. Que cada rota, cada espaço e cada narrativa reforcem a importância de reconhecer, valorizar e promover o patrimônio cultural que vocês construíram e continuam a construir.

Este trabalho é um convite para que mais pessoas conheçam, respeitem e celebrem a herança negra jauense — parte essencial da nossa história, da nossa cultura e do nosso futuro. Com profunda reverência e gratidão.

Luciane Adelia de Camargo
Secretária de Igualdade racial



Secretaria de Igualdade Racial
Rua: Pref. Francisco Tolêdo Arruda , 349
Chácara Canhos - Jaú/SP - Cep 17202-450
Email: igualdaderacial@jau.sp.gov.br

Afroturismo em Jaú

ROTAS NEGRAS



ÍNDICE

Abertura	03
Prefácio	04
Introdução	05
Sec. Igualdade Racial	06
Estação Ferroviária	07
Escadaria Santo Antônio	08
Aristocrata	09
Sociedade Luis Gama	09
Nossa Sra do Patrocínio	10
Mural da Consciência Negra	11
Pau Queimado	12
Thereza Assis Bueno	13
Associação Bantus	14
Vespeiro	15
Monumento Zumbi dos Palmares	16
Quadra Vila XV	17
Praça Andalaketuxê	18
Ponto de cultura AfroAmukenguê	19
Baobá / Praça do Museu	20
Ilê Asé Omo Obá Tóyô Candomblé	21
Praça "Sr. Brasileiro"	22

Afroturismo em Jaú

ROTAS NEGRAS



Afroturismo em Jaú

ROTAS NEGRAS

Prefácio

A Prefeitura Municipal de Jahu, por meio da Secretaria de Igualdade Racial, apresenta com orgulho o projeto Afroturismo e Rotas Negras, uma iniciativa em parceria com o Ministério da Igualdade Racial que tem como propósito valorizar, preservar e dar visibilidade à história e à cultura afro-brasileira presentes em nosso município.

Este projeto é mais do que um guia turístico — é um instrumento de reconhecimento, memória e reparação histórica. Ele convida moradores, visitantes e estudantes a percorrerem caminhos marcados pela resistência, pela fé e pela contribuição do povo negro na formação social, cultural e econômica de Jaú.

Cada ponto destacado nas Rotas Negras — sejam espaços de devoção, manifestações culturais, antigas comunidades ou personagens históricos — representa um capítulo essencial da nossa identidade coletiva. São lugares que guardam o testemunho da luta por dignidade, da sabedoria ancestral e da força de um povo que transformou dor em legado, e exclusão em pertencimento.

O Afroturismo se afirma, assim, como um movimento de valorização e empoderamento. Ao reconhecer e difundir o legado da população negra, reforçamos o compromisso da administração municipal com a igualdade racial, a justiça social e o respeito à diversidade.

Que este projeto inspire novas gerações a conhecerem, respeitarem e celebrarem as raízes africanas que compõem o tecido cultural de Jahu — raízes que sustentam nossa história e projetam um futuro de inclusão, orgulho e liberdade.

“Conhecer as Rotas Negras é reconhecer que a história de Jahu também é a história da resistência, da ancestralidade e da construção de um Brasil mais igual.”

Deivide Turolla novembro 2025



INTRODUÇÃO



Rotas Negras de Jaú ***Memória, Cultura e Resistência***

A Rota Negra de Jaú é um convite para redescobrir a cidade por meio das histórias, trajetórias e espaços que marcaram a presença e a contribuição da população negra jauense. Este projeto, idealizado pela Prefeitura Municipal de Jaú, por meio da Secretaria de Igualdade Racial, tem como objetivo valorizar o patrimônio imaterial e material da comunidade negra, fortalecendo a identidade local e promovendo o afroturismo como instrumento de educação, cultura e pertencimento.

O circuito é composto por 20 pontos históricos, entre monumentos, clubes, residências e espaços simbólicos que guardam memórias de luta, fé, arte, trabalho e celebração. Em cada local, um QR Code permitirá ao visitante conhecer a história daquele ponto e seguir o percurso completo, conectando o passado ao presente e mostrando que a força do povo negro está viva nas ruas, nas famílias e nas tradições de Jaú.

Mais do que um roteiro, a Rota Negra é um ato de reconhecimento e justiça histórica, que celebra as vozes antes silenciadas e reafirma o compromisso da cidade com a igualdade racial, a valorização da cultura afro-brasileira e o respeito à diversidade que forma a nossa identidade coletiva.

De mãos dadas com a ancestralidade.

Secretaria Municipal de Igualdade Racial

Ponto de Partida da Rota Negra



A Secretaria Municipal de Igualdade Racial de Jahu é o ponto de partida simbólico e institucional da Rota Negra, representando o compromisso do município com a valorização da história, da cultura e da contribuição do povo negro na construção da cidade.

Criada pela Lei Complementar nº 653, de 11 de abril de 2024, a Secretaria nasceu com a missão de promover políticas públicas de combate ao racismo, garantir direitos e fortalecer a identidade afro-brasileira em todas as suas expressões. Ligada diretamente à Prefeitura Municipal e em parceria com o Ministério da Igualdade Racial, sua atuação busca consolidar ações voltadas à educação antirracista, preservação da memória negra e incentivo ao afroturismo.



Lei Complementar nº 653, de 11 de abril de 2024,

É neste espaço que se concentram as iniciativas de articulação e planejamento da Rota Negra de Jahu, projeto que integra cultura, turismo e memória em um mesmo percurso. Daqui partem as visitas guiadas, as pesquisas históricas e os roteiros educativos que resgatam a trajetória da população negra — desde os antigos cortiços e espaços de resistência até os terreiros, praças e centros culturais que hoje mantêm viva essa herança ancestral.

Iniciar a caminhada pelas Rotas Negras a partir da Secretaria de Igualdade Racial é um ato de reconhecimento e pertencimento. É o primeiro passo rumo a uma jornada de aprendizado e celebração, onde o passado e o presente se unem para construir um futuro mais justo, plural e igualitário.

“A Rota Negra começa aqui — no coração da igualdade, onde a história ganha voz e a ancestralidade encontra respeito.”.

Localização: Rua Pref. Francisco Tôledo Arruda, 349
Chácara Canhos - Jaú/SP Cep: 17202-450



ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

História da estação e Relação com trabalhadores escravizados

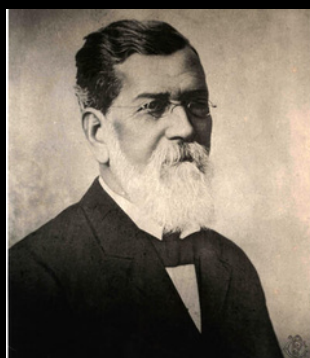


- A cidade de Jaú cresceu intensamente com a cultura cafeeira na segunda metade do século XIX, o que demandava vias eficientes de escoamento da produção.
- A linha que alcançou Jaú foi inicialmente construída pela Companhia Estrada de Ferro Rio-Clarense, no período entre 1885 e 1887, ligando Visconde do Rio Claro até Jaú.
- A primeira estação de Jaú ("estação antiga") foi inaugurada em 1887 como ponta de ramal.
- Em 1941 construiu-se uma nova estação para atender a linha retificada (o traçado modificado), substituindo a estação antiga.
- A linha por Jaú ficou integrada à malha da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (após incorporação e expansão) como parte do "Tronco Oeste" e ramais associados.
- A eletrificação do trecho Itirapina → Jaú foi inaugurada também em 1941.



Relação com trabalho escravizado

- A literatura sobre ferrovias no Brasil mostra que, embora existissem leis proibindo o emprego de escravizados pelas companhias ferroviárias e empreiteiros principais, essa proibição nem sempre era cumprida — especialmente em obras de construção, subcontratos e serviços terceirizados.
- No caso da Companhia Paulista, que eventualmente controlou a malha que passava por Jaú, há estudos que apontam para descumprimentos à legislação antiescravista por parte de empreiteiros menores ou subcontratados, e para o uso de trabalhadores em condições marginalmente livres ou sob pressão contratual.
- Essa utilização informal de trabalho forçado ou semi-forçado fazia parte de uma transição contraditória entre o modelo escravista e o trabalho livre/assalariado no Brasil, em especial nas obras de infraestrutura — ferrovias incluídas.



Antônio Carlos de Arruda Botelho, o Conde do Pinhal (1827–1901), foi um influente fazendeiro e empresário paulista, figura central na expansão do café e das ferrovias no interior de São Paulo. Dono de diversas fazendas em Jaú, destacou-se por investir na Companhia Estrada de Ferro Rio-Clarense, que ajudou a ligar a região ao Porto de Santos. Sua atuação impulsionou o desenvolvimento econômico de Jaú e arredores, ainda que associada ao contexto do trabalho escravizado e à transição para o trabalho livre no final do século XIX.

localização Rua: Pref. Francisco Tôledo Arruda, 349
Chácara Canhos - Jaú/SP Cep: 17202-450

Escadaria Santo Antônio

Degraus de memória

Está situado num bairro tradicional da cidade, representando a geografia urbana abriga diversas memórias comunitárias.



Foto: Ayrosafly

Revitalizada como mural urbano em 2022, a escadaria celebra histórias de Jaú e abre espaço para novas narrativas. Aqui, conectamos arte e memória da população negra que, apesar do estigma sobre cortiços como o “Pau-Queimado” na parte alta da cidade (1913–1918), construiu lares, famílias e tradições no centro urbano. Visitar este ponto é reconhecer a persistência e a presença negra na cidade.

Escadaria Francisco Aparecido Borges “Chico Bambu” (1927–2001)

Nomeada pela Lei nº 5.376/2022 e reconhecida como polo cultural pela Lei nº 5.495/2023, esta escadaria do bairro Santo Antônio celebra a memória comunitária. A homenagem a Chico Bambu (Francisco Aparecido Borges) reconhece a presença e a contribuição de lideranças populares que tecem a história negra e trabalhadora de Jaú.

No mesmo ano por meio do edital Arte Urbana; a escadaria foi revitalizada, os degraus viraram mural com personagens e lendas de Jaú (ex.: Criolando), tornando-se ponto turístico recente.

Localidade: Rua. Humaitá, 39 - 1 -
Vila Padre Nosso, Jaú - SP, 17202-220



Artista B.boyTesta

Sociedade Luis Gama

Um espaço pequeno em tamanho, mas gigante em significado para a história da cidade



Nos anos 1940, na rua Amaral Gurgel, nasceu o Clube Luiz Gama, carinhosamente chamado de "Salãozinho dos Pretos". Criado pelas irmãs Sampaio, descendentes de escravizados, o espaço surgiu como resposta à exclusão de pessoas negras e/ou pobres da praça Siqueira Campos – o famoso "Jardim de Cima".



Localidade Rua. Visc. do Rio Branco, 920 - Centro, Jaú - SP, 17201-080

ARISTOCRATA CLUBE DE JAÚ

Fundado em 30 de setembro de 1983, o Aristocrata Clube de Jaú (ou "Ari") tem um histórico de luta e resistência, sendo um "berço da história negra moderna" em São Paulo e no Brasil.

O clube aparece nos registros como uma associação sem fins lucrativos em Jaú, atuando com projetos sociais e culturais (arte-educação, atividades complementares), sediada na Rua Visconde do Rio Branco, 181 (Centro).



As atividades que eram realizadas no clube incluem:

- Eventos sociais e culturais: o clube busca ser uma opção perene para a comunidade, oferecendo acesso à arte e cultura através de suas propostas e ações.
- Seminários e discussões: em 2025, o clube sediou o seminário da Nova Frente Negra Brasileira, com o tema "Protagonismo Negro nos Espaços de Poder e Decisão".
- Eventos de lazer: o Aristocrata Clube também oferece atividades como feijoada e roda de samba, além de ser o local para encontros de ex-jogadores do clube.
- Atividades para a comunidade: o clube ofertou cursos de informática, inglês, espanhol, biscuit, violão e música de sopro e Educação para Jovens e Adultos em parceria com a Prefeitura Municipal de Jahu.

Localidade: Rua Visc. do Rio Branco, 181 - Centro, Jaú - SP, 17201-080



Nossa Senhora do Patrocínio

Fé, memória e as mãos negras que fundaram Jaú

A origem da cidade de Jaú está intimamente ligada à devoção a Nossa Senhora do Patrocínio, cuja imagem é considerada um dos mais antigos símbolos de fé e fundação do município.

Um dos mais antigos símbolos

O fundador Bento Manoel de Moraes Navarro encomendou, na cidade de Itu, uma imagem talhada em cedro vermelho, com olhos de vidro e cores originais preservadas até hoje.

A escultura, de aproximadamente um metro de altura e 60 quilos, foi transportada até o povoado em um banguê, **carregado por pessoas escravizadas — um ato que revela o papel invisibilizado do povo negro na construção simbólica e material da cidade.**

Essa imagem de belíssimo aspecto é reconhecida como o único documento-monumento testemunho da fundação de Jaú. Mais que um objeto de fé, representa a intersecção entre religiosidade, trabalho escravizado e memória histórica.

Do altar ao esquecimento e à preservação

Por volta de 1915, um vigário, sem compreender o valor histórico da peça, retirou a imagem do altar-mor da Matriz, substituindo-a por uma mais moderna. A original foi relegada a um quarto de despejos, até ser resgatada por fiéis, que a levaram para a Igreja de Santo Antônio.

Anos mais tarde, cerca de 1950, o então prefeito Osório Neves ordenou que a imagem fosse transferida para o saguão da Prefeitura Municipal, reconhecendo sua importância como símbolo histórico da cidade.

Posteriormente, a escultura foi levada ao Museu Municipal, e de lá retornou à Igreja Matriz, onde permanece até hoje, preservada como parte essencial do patrimônio religioso e cultural jauense.

Símbolo das Rotas Negras

O percurso da imagem de Nossa Senhora do Patrocínio é também um testemunho da presença e da força do povo negro na formação de Jaú.

As mãos que sustentaram o banguê carregando a santa foram as mesmas que ergueram igrejas, lavraram terras e moldaram a história local.

Ao integrar essa narrativa ao projeto Rotas Negras de Jaú, resgata-se a memória das contribuições afro-brasileiras e a necessidade de reconhecer os laços entre fé, resistência e identidade na trajetória do município.



História de Jahu. "Imagem de Nossa Senhora do Patrocínio." Disponível em: <https://historiadejahu.blogspot.com/search?q=matriz>. Acesso em: 28 out. 2025.

Localidade: Rua Visc. do Rio Branco, 333 - Centro, Jaú - SP, 17201-0800

Mural Identidade Negra / Praça Tancredo

MURAL 'IDENTIDADE NEGRA' RESGATA A HISTÓRIA DE PERSONALIDADES LOCAIS E MUNDIAIS.



Trata-se do projeto 'Identidade Negra – Resgatando Memórias', realizado por um grupo de 18 artistas liderados por Murilo Guarnieri. A iniciativa foi contemplada pelo edital 'Amigos da Arte', divulgado pela Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativa do Estado de São Paulo, em parceria com a Prefeitura de Jahu, por meio da Secretaria de Cultura e Turismo.



O objetivo desse mural foi o de buscar manter viva a história dessas pessoas, resgatando valores e tradições, contextualizando-as por meio de uma arte moderna, promovendo a acessibilidade cultural; inclusão social e estímulo à participação comunitária, fazendo com que os homenageados e a arte sirvam de inspiração às futuras gerações.



Centro, Jauú - SP, 17202-100



Pau-Queimado

A história silenciada da Rua Glicério



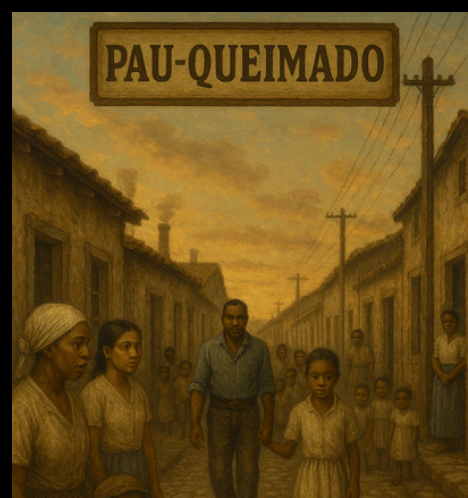
imagem ilustrativa

O nome “Pau-Queimado” surgiu no início do século XX como uma expressão popular e racista, usada por jornais da época para se referir aos cortiços e moradias simples onde viviam majoritariamente pessoas negras, libertas e trabalhadores pobres de Jaú.

Entre 1913 e 1915, o jornal Comércio do Jahu registrou denúncias e ações policiais no chamado “cortiço Pau-Queimado”, localizado na Rua Glicério e no cruzamento da Rua Quintino Bocaiúva com a Francisco Glicério, na parte alta da cidade. O termo acabou sendo usado para estigmatizar essas comunidades, reforçando preconceitos contra os descendentes de escravizados que buscavam se estabelecer com dignidade após a abolição e decorrente do processo de segregação oriundo dos códigos de postura da época.

Hoje, reconhecer o Pau-Queimado como parte da história urbana de Jaú é resgatar a memória de resistência da população negra, que mesmo diante da exclusão, construiu lares, famílias e tradições no coração da cidade.

PAIVA, Maria Beatriz Vidal de Negreiros. O projeto urbanístico em Jaú: a ação política e os desdobramentos sócio-culturais. 1890/1920. 2001. 311 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2001.



Localização aproximada: entorno da Rua Francisco Glicério, entre Quintino Bocaiúva região do shopping popular.

Thereza de Assis Bueno

Thereza de Assis Bueno, uma mulher à frente do seu tempo.

Thereza de Assis Bueno era filha de Leonor de Almeida Prado (natural de Itú e irmã de Major Prado e Lourenço Prado) e de Francisco de Assis Bueno. Ao morrer solteira em maio de 1926 a grande surpresa – Thereza deixa em testamento seus bens terras aos 7 descendentes de seu ex-escravo de nome Jonas.

Num período em que o papel da mulher na sociedade era apenas o de gerar e criar filhos, surge a figura de Thereza de Assis Bueno. Solteira e herdeira de uma das famílias mais tradicionais do município, a personagem rompeu com todos os padrões vigentes e aceitáveis na época ao deixar seus bens aos sete filhos de seu ex-escravizados, Jonas e Dina.

O testamento de Thereza, lido em 6 de maio de 1926, um dia após a sua morte, chocou a tradicional sociedade jauense

FONTE <https://historiadejahu.blogspot.com/>

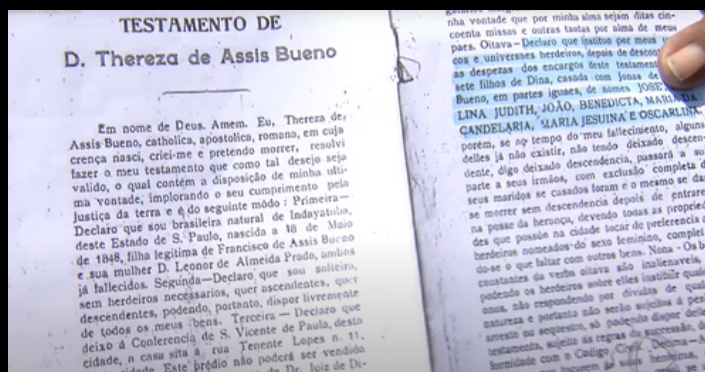


imagem I.A

Documento histórico revela herdeiros de D. Thereza de Assis Bueno

Um raro registro jurídico veio à tona: o testamento de D. Thereza de Assis Bueno, datado do século XIX. No documento, a testadora, natural de Indaiatuba (SP) e filha de Francisco de Assis Bueno e D. Leonor de Almeida Prado, declara ser solteira e, portanto, livre para dispor de seus bens. O testamento lista como herdeiros os sete filhos de Dina e Jonas, nomeando-os como José, Lina Judith, João, Benedicta, Maria Candelária, Maria Jesuína e Oscarlina. O texto também detalha instruções sobre a divisão dos bens e condições para sucessão em caso de falecimento dos beneficiários.

Esse documento representa uma importante peça da história jurídica e familiar paulista, preservando detalhes sobre costumes, valores e laços de parentesco da época.

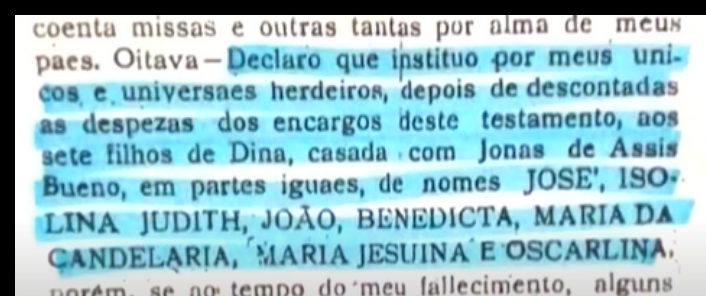


imagem: Deivide Turolla

Capela onde repousam os restos mortais de Thereza de Assis Bueno, localizada na parte antiga do Cemitério Municipal de Jaú.

Localidade: Quadra C, Rua H, nº 10

Associação Bantus de Jaú

Elo com as raízes e ponte para a juventude



A Associação Bantus de Jaú representa um vínculo vivo entre a cidade e suas origens africanas mais profundas. Inspirada no termo “banto”, que designa diversos povos africanos que resistiram à escravidão e preservaram tradições, a associação tornou-se um espaço central de afirmação identitária, cultura e solidariedade.

Desde sua fundação, a Associação Bantus de Jaú promove encontros culturais, oficinas de percussão, capoeira, leitura crítica de autores negros, rodas de conversa sobre ancestralidade e espaços de acolhimento para jovens que buscam sua identidade. Em momentos simbólicos como o Dia da Consciência Negra, o aniversário da abolição e festividades afro-brasileiras, o Bantus organiza atividades abertas à população, exibindo a riqueza musical, oral e gestual da negritude.

AFROAXÉ E MARACATU

A Associação Bantus vem se destacando em Jaú por seu importante trabalho social e cultural junto à comunidade. Além das tradicionais aulas de capoeira, a instituição também oferece atividades de Afroaxé e Maracatu, danças de origem africana que valorizam as raízes culturais e promovem a expressão corporal e o respeito à diversidade.

As oficinas são voltadas principalmente para crianças e adolescentes do município, proporcionando momentos de aprendizado, convivência e fortalecimento da identidade cultural. Por meio da música, da dança e da disciplina, a Associação Bantus contribui para o desenvolvimento pessoal e social dos jovens, mantendo viva a herança africana e incentivando valores como união, respeito e cidadania.



Ao percorrer esse ponto na rota, você é convidado a ver no Bantus não apenas uma organização, mas uma expressão viva de resistência e perpetuação cultural, que reafirma que a negritude não é passado — é presente e futuro pulsante de Jaú.

Localidade: Rua Humaitá, 1703 - Vila Sampaio Bueno, Jaú - SP, 17205-120



Vespeiro ou Bespeiro

Memórias do Vespeiro resgatam a presença e a força da comunidade negra em Jaú

“Os negros sempre estiveram presentes na minha vida e na de minha família. Este texto é uma homenagem a eles, que merecem respeito e igualdade”, escreveu Maria Waldete, reforçando a importância de reconhecer e valorizar essas histórias no contexto da Rota Negra de Jaú, Waldete Cestari.



Imagem Ilustrativa I.A

Vila Vespeiro

As lembranças de antigas comunidades negras que marcaram a história social e cultural da cidade voltam à tona por meio do relato da escritora Maria Waldete de Oliveira Cestari, no texto “O Vespeiro”, publicado pelo Boletim da AJAC (Associação Jauense de Amigos da Cultura).

Segundo o depoimento, o Vespeiro, localizado no início da **Rua Sete de Setembro — onde hoje há um posto de gasolina** —, era um espaço habitado majoritariamente por famílias negras. O local se destacava pela união dos moradores, pelo espírito comunitário e por figuras populares que ajudaram a construir a identidade cultural de Jaú.



“Maria Waldete de Oliveira Cestari – professora, escritora e fotógrafa jauense – é autora de relatos e memórias sobre a cidade de Jaú, que ajudam a resgatar trajetórias locais frequentemente invisibilizadas.”

Memória

Com o passar do tempo, o Vespeiro desapareceu fisicamente, mas sua memória permanece viva nas histórias de quem ali viveu. O bairro é lembrado como um símbolo de resistência e pertencimento da população negra, que, mesmo diante das dificuldades, ajudou a moldar a trajetória cultural e humana de Jaú.

Texto: Lembrança Negra

<https://walcestari.blogspot.com/2010/11/dia-da-lembranca-negra.html>

Localidade Rua Atílio Madela, 95 - Vila Hilst, Jaú - SP, 17207-021

O MONUMENTO Zumbi dos Palmares



Foto: Deivide Turolla

O Monumento Zumbi dos Palmares, inaugurado em 07 de agosto de 2004, foi esculpido em bronze e ferro pelo artista Carioca Roberto Claussen, o monumento representa a Resistência Negra contra a escravidão no Brasil.

ZUMBI dos Palmares

Zumbi dos Palmares (1655–1695) foi o último e mais importante líder do Quilombo dos Palmares, destacando-se como uma figura central na luta pela liberdade dos negros no Brasil colonial. Respeitado e admirado pelos quilombolas, Zumbi era reconhecido por sua coragem, habilidades de combate e domínio das estratégias militares, o que o tornava um líder nato. Defensor da liberdade religiosa e da abolição da escravidão, Zumbi lutou contra o sistema colonial que oprimia os negros. Apesar de ser lembrado por sua firmeza e, por vezes, por sua postura autoritária na condução de Palmares — onde existia uma forma mais branda de servidão —, sua causa era pautada na resistência à dominação branca. Assim, Zumbi dos Palmares consolidou-se como o maior símbolo da luta pela liberdade e pelos direitos dos negros na história do Brasil.

Localidade Av. Dr. Quinzinho - Vila Assis, Jaú - SP, 17210-110

Novembro consciente



Amukengue

Durante o mês de novembro, um calendário repleto de eventos culturais é idealizado pela Secretaria de Igualdade Racial em parceria com o Conselho Municipal de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de Jaú, bem como o Centro de Inclusão Social e Convivência com o apoio da Prefeitura Municipal.



Quadra da Vila XV

O coração do samba e da resistência

A Quadra da Vila XV é um dos espaços mais emblemáticos da cultura popular de Jaú. Nascida do pulsar das comunidades negras do bairro Vila XV, a quadra se tornou um ponto de encontro para sambistas, foliões e famílias que, através da música, da dança e da alegria, reafirmaram sua presença e identidade.



Quadra da Vila XV

Durante o período carnavalesco, o local se transformava em palco de ensaios, desfiles e celebrações da tradicional Escola de Samba Unidos da Vila XV, uma das mais queridas e antigas agremiações da cidade. As batidas dos tambores, os ensaios noturnos e o brilho das fantasias movimentavam o bairro e uniam gerações inteiras em torno do samba.

Resistência, União e Pertencimento

Mais do que um espaço festivo, a quadra simboliza resistência, união e pertencimento. Foi nela que muitos artistas e líderes comunitários deram seus primeiros passos, fortalecendo o carnaval de Jaú e preservando as raízes afro-brasileiras que sustentam nossa cultura.

Hoje, o visitante que passa pela Vila XV é convidado a reconhecer nesse lugar um símbolo vivo da memória negra local, onde o ritmo e a tradição se encontram para celebrar a herança deixada por quem transformou alegria em forma de luta e expressão.

Localidade Rua Dona Antônia Ribeiro de Barros Freitas, 07 - Jardim Antonina

Praça Andalaketuxê

Decreto nº 6.369 de 20 de dezembro de 2011

Um marco da comunidade negra em Jaú



A Praça Andalaketuxê foi oficialmente nomeada em 20 de dezembro de 2011, por meio do Decreto nº 6.369.

Este espaço cultural e esportivo nasce como um ponto de encontro para a comunidade — lazer, esporte e cultura ocorrem lado a lado. Inserida na trajetória das Rotas Negras de Jaú, a praça simboliza o reconhecimento da presença negra na cidade, ao dar visibilidade a um território que promove o protagonismo da juventude, o convívio comunitário e a valorização da história local.

A escolha do nome “Andalaketuxê” reforça a necessidade de olharmos para além das monumentações tradicionais, e valorizarmos espaços que, embora recentes, abrem caminhos para a memória negra contemporânea. Visitar essa praça é não apenas contemplar uma área de lazer: é refletir sobre a participação negra, a cidadania plena e o direito à cidade para todos.



**Andalakituxe (ou Andalaketuxê)
Guerreiro do Quilombo dos Palmares — Século XVII**

Andalakituxe foi um dos líderes e guerreiros do Quilombo dos Palmares, a mais duradoura e organizada comunidade de resistência negra do período colonial brasileiro. Atuou durante o século XVII, quando Palmares, localizado na Serra da Barriga (atual estado de Alagoas), abrigava milhares de pessoas negras fugidas da escravidão, indígenas e seus descendentes.

Reconhecido pela coragem e liderança em combates contra as tropas coloniais portuguesas e holandesas, Andalakituxe lutou ao lado de figuras lendárias como Zumbi dos Palmares e Ganga Zumba. Seu nome, de origem africana, é lembrado em algumas tradições orais como significando “aquele que defende o povo” ou “o protetor da comunidade” — embora o sentido exato varie conforme as fontes linguísticas banto.

A figura de Andalakituxe representa a força coletiva e a ancestralidade guerreira que sustentaram Palmares por quase cem anos. Hoje, ele é lembrado como símbolo da resistência negra e da luta pela liberdade, sendo homenageado em nomes de ruas, praças e projetos culturais em várias partes do Brasil — como a Praça Andalaketuxê, em Jaú (SP), integrada às Rotas Negras.



Praça Roberto Dornellas - Jardim Sempre Verde, Jaú - SP, 17211-600

Ponto de Cultura Afro Amukenguê Jaú

Teia de cultura, irmandade e ancestralidade



A Associação Amukenguê Jaú emerge como um ponto essencial no mapa da memória negra local, constituindo-se como espaço de diálogo cultural, resistência e afeto entre os descendentes africanos da cidade. O nome “Amukenguê” que significa “Bravos Guerreiros”, evoca raízes bantas e africanas, reforçando a ancestralidade que atravessa gerações.

Fundada por lideranças comprometidas com a preservação de saberes afro-brasileiros, a Amukenguê Jaú organiza atividades de dança, percussão, teatro, rodas de leitura e oficinas de memória. É ali que se celebram janeiro negro, março mulher negro, junho afro, entre outras datas simbólicas, reunindo comunidades, familiares e visitantes para compartilhar história e arte.

Ponto de Cultura

Este espaço é também lugar de acolhimento e orientação, conectando jovens a ancestralidades e fortalecendo o sentimento de pertencimento. Através dos seus eventos públicos, a Amukenguê Jaú ajuda a manter viva a cultura afro-brasileira em Jaú, fomentando o reconhecimento das vozes negras e reforçando o compromisso com a igualdade.



Ao incluir o ponto de Cultura AfroAmukenguê Jaú nesta rota, convidamos você a conhecer mais do presente que se firma sobre cultura ancestral — e que projeta o futuro negro da nossa cidade, mostrando que memória e resistência estão vivas em cada gesto, tambor, canto e abraço comunitário.

Localidade: Rua Manoel da Silva Pachêco, 300 - Jardim America, Jaú - SP, 17210-630





Plantio Baobá

Coletivo Raízes do Baobá

O plantio aconteceu em 19 de fevereiro de 2025 na região do Museu Municipal de Jahu e faz parte do Projeto Viva o Xirê.



O Baobá é uma árvore sagrada e representa a ancestralidade, a cura, a abundância, a fertilidade e principalmente, a luta e a resistência do povo negro contra o racismo. Com este plantio, Jaú passa a fazer parte da Rota dos Baobás, que é um iniciativa que promove os plantios no Brasil e no Exterior.



Baobá (*Adansonia digitata*.)

O baobá é uma árvore de grande importância simbólica e cultural para os povos africanos. Conhecida como a “árvore da vida”, ela representa força, sabedoria, resistência e ancestralidade. Suas raízes profundas e longa durabilidade simbolizam a ligação entre o passado, o presente e o futuro.

Além do valor espiritual, o baobá também tem funções práticas: suas folhas, frutos e casca são utilizados na alimentação, medicina tradicional e artesanato. No Brasil, especialmente nas comunidades afrodescendentes, o baobá é um símbolo de identidade e resistência cultural, lembrando a força dos antepassados africanos e a importância de preservar suas tradições.

Localidade Av. João Ferraz Neto, 201 -
Chacara Dr. Lopes, Jaú - SP, 17207-330



Ilê Asé Omo Obá Tóyô

Único terreiro de Candomblé existente em Jaú



Imagem: Ayrosafly_drone



LOCALIZAÇÃO

Rua Eduardo Perlatti, 839 (Jardim Paraty), o Ilê Asé Omo Obá Tóyô mantém, no interior paulista, a tradição do candomblé queto, com calendário de toques e celebrações a diferentes orixás (Exu, Pretos Velhos, Obaluaê/Omolú, entre outros). O endereço e as convocações de culto são divulgados nos canais do terreiro.

- Herança viva: o terreiro preserva ritos, cantos e culinária sagrada, conectando memória africana e sociabilidade local. [Geledés](#)
- Educação e pertencimento: a comunicação do ilê convida a comunidade a "louvar o sagrado", abrindo margem para ações educativas e de diálogo inter-religioso quando adequado. [Instagram+1](#)
- Continuidade histórica: a recorrência do mesmo endereço em fontes distintas (acadêmicas e comunitárias) sugere um eixo de tradição do candomblé em Jaú.



foto: kleber Amaral

Mãe Lúcia da Silva – Iyalorixá e liderança negra de Jaú

Com mais de quatro décadas de dedicação ao Candomblé, Lúcia da Silva é uma das personalidades negras mais respeitadas de Jaú e referência na preservação das tradições afro-brasileiras no interior paulista.

Iyalorixá — autoridade máxima dentro da religião —, comanda o Ilê Asé Omo Obá Tóyô, espaço sagrado que mantém viva a ancestralidade africana e o culto aos orixás.

Além de sua liderança espiritual, Mãe Lúcia é também empresária do setor calçadista, reconhecida por sua força, sabedoria e representatividade. Sua trajetória une fé, trabalho e resistência, tornando-se símbolo do protagonismo negro feminino e da valorização da cultura afro-brasileira em Jaú e em toda a região.

Localidade: Rua Eduardo Perlatti, 849 - Jardim Parati, Jaú - SP, 17210-771

ilê Asé Omo Obá Tóyô (Jardim Paraty).

Casa de Candomblé de matriz Queto que mantém, em Jaú, um ciclo de celebrações aos orixás e atividades culturais. Registros públicos e acadêmicos citam o endereço Rua Eduardo Perlatti, 839 desde, pelo menos, 2011, atestando a continuidade da tradição afro-religiosa no local. Ao visitar, lembre-se: é um espaço sagrado — informe-se sobre dias/horários, peça autorização para fotografar, vista-se de modo respeitoso e evite interromper rituais. O ilê é um ponto de memória, resistência e pertencimento da população afrodescendente de Jaú (SP).



Além de sua liderança religiosa e atuação como empresária, Mãe Lúcia da Silva também é reconhecida por sua culinária afro-brasileira. Cozinheira talentosa, prepara com maestria quitutes tradicionais como acarajé e vatapá, pratos sagrados da tradição iorubá.

Praça Joaquim Rodrigues de Azevedo

"Senhor Brasileiro" Bairro Vila Nova – Potunduva

"Homem de fé e coração aberto, o Sr. Brasileiro transformou sua vida em um ato de devoção e acolhimento."



Acontece em
POTUNDUVA

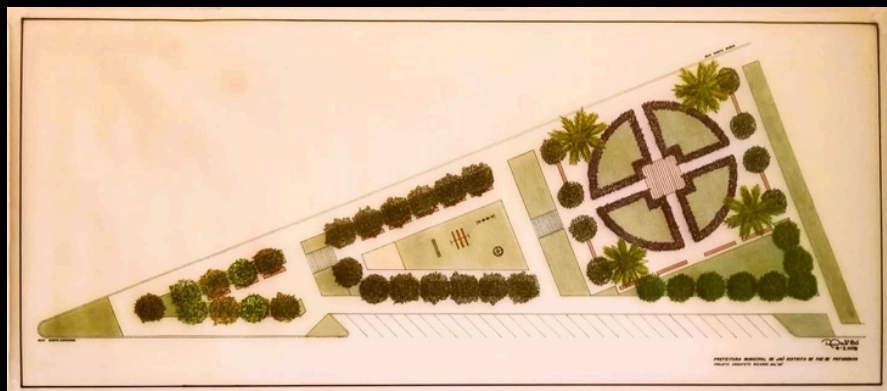
Entre as memórias vivas da comunidade de Potunduva está a Praça Joaquim Rodrigues de Azevedo, carinhosamente conhecida como Praça do Senhor Brasileiro. Inaugurada em 23 de dezembro de 2008, a praça foi construída sob a gestão do então subprefeito Luiz Fernando Bassan Cesar (Zuca) — ambos in memoriam.



Joaquim Rodrigues de Azevedo, conhecido carinhosamente como "Senhor Brasileiro", nasceu em 18 de junho de 1927, no distrito de Potunduva, em Jahu (SP). Homem simples, de origem humilde e de profunda fé, dedicou sua vida à espiritualidade e ao acolhimento ao próximo. Com um coração generoso e sempre disposto a ajudar, o Senhor Brasileiro ficou conhecido por suas orações e bênçãos, que atraíam pessoas de diferentes regiões do país em busca de conforto espiritual. Sua casa era um ponto de encontro para todos que precisavam de palavras de esperança, sendo ele reconhecido pela alegria, humildade e bondade com que recebia cada visitante. Faleceu em 21 de fevereiro de 2021, aos 93 anos, deixando um legado de fé, amor e solidariedade que continua vivo na memória da comunidade de Potunduva. Sua história inspira e representa o valor da espiritualidade popular na formação cultural e humana de Jahu.

Projeto da Praça

A Praça, erguida em uma área que antes pertencia ao Estado e foi posteriormente transferida ao município, simboliza a força da fé, da união e da ancestralidade popular que compõem a história negra e periférica de Jaú.



Localidade: Rua Santa Catarina, 105-420 - Potunduva, Jaú - SP



Curiosidade

Durante a construção da praça, o Sr. Brasileiro acompanhava de perto cada etapa das obras — oferecia café, bolo, limonada e palavras de incentivo aos trabalhadores, deixando sua marca de carinho e humanidade.



AYROSA FLY
IMAGENS AÉREAS



JAHU
Cuidando do nosso povo

Secretaria de
Igualdade Racial